



Bíblia em chinês

Dados extraoficiais mostram que número de praticantes já ultrapassa o de filiados ao Partido Comunista

Todas as quintas-feiras, às 9 horas, a chinesa Cao Guan Lan recebe em seu apartamento em Pequim cerca de 60 pessoas munidas de Bíblia [<http://www.bibliapedia.com.br/>](http://www.bibliapedia.com.br/>) s. Nas duas horas seguintes, elas escutam a pregação de um pastor ou outro fiel, cantam juntas e fazem orações pontuadas com fervorosas exclamações de "amém!". O grupo integra uma das milhares de "igrejas familiares" que surgiram na China nas últimas duas décadas e transformaram o protestantismo na religião de mais rápido crescimento no país governado pelo ateu Partido Comunista.

Só no bairro no noroeste de Pequim, onde Cao vive, há cerca de 50 igrejas familiares que contam com a chancela do governo para funcionar. Há um incontável número de "não-oficiais", cujos fiéis estão sujeitos à perseguição do Estado, que se intensificou nos últimos meses.

O caráter clandestino de muitos grupos torna difícil estimar o número de cristãos na China, mas entidades independentes apontam para uma cifra bem superior aos 10 milhões de protestantes e 4 milhões de católicos reconhecidos pelo governo. Segundo números oficiais, apenas 100 milhões do 1,3 bilhão de chineses professam alguma fé.

Pesquisa realizada em 2007 pela East China Normal University indicou que 31,4% da população têm religião - o que representa 400 milhões de pessoas. O protestantismo é seguido por 40 milhões e o catolicismo, 14 milhões, afirma o levantamento - o que dá um total de 54 milhões de cristãos. A entidade World Christian Database sustenta que o número é de 111 milhões, o que colocaria a nação comunista entre os países de maiores populações cristãs do mundo. O Brasil ocupa o segundo lugar, após os Estados Unidos, com 140 milhões. Se a cifra for precisa, significa que há mais cristãos na China do que membros do Partido Comunista, que tem 76 milhões de filiados.

O protestantismo é a vertente do cristianismo que mais floresce na China por causa de seu caráter não-hierárquico e popular - qualquer um pode pregar o Evangelho e vários chineses abraçaram essa possibilidade com fervor. A grande maioria dos protestantes não é vinculada a nenhuma das denominações tradicionais, como Batista ou Presbiteriana, e se integra a pequenos grupos que surgem de modo independente.

Na reunião na casa de Cao presenciada pela reportagem do Estado, Ding You Zhen, de 69 anos, falou durante uma hora sobre o amor de Deus e o envio de seu único filho à Terra para salvar os homens. Na pregação em mandarim, as poucas palavras reconhecíveis para um estrangeiro eram Iesu (pronúncia local de Jesus), Maria e amém. Ding é filha de cristãos, mas se distanciou da fé após chegada dos comunistas ao poder, em 1949, e mais ainda durante a Revolução Cultural (1966-1976). "Era um período vago. Eu sabia que havia um Deus, mas não ia mais à igreja", disse. Como muitos chineses, ela se batizou no período em que trabalhou nos EUA, em 1987, quando foi levada a um culto por seu ex-patrão. De volta à China, continuou a seguir o protestantismo e, desde 2001, vai a igrejas familiares.

Outro símbolo do rápido crescimento do protestantismo na China é a Igreja cristã de Haidian, o bairro universitário de Pequim. Todos os domingos, de 6 mil a 7 mil pessoas comparecem aos seis cultos realizados no local. Há oito anos, o número de fiéis não passava de 800 e havia apenas dois serviços, lembra o pastor Wu Weiqing, responsável pela congregação.

INTELECTUAIS

Segundo ele, 70% dos que participam dos cultos têm menos de 35 anos e muitos são intelectuais e estudantes. Também há chineses que se converteram enquanto estudavam no exterior e mantiveram o hábito de ir à igreja ao voltar para casa.

O pastor Wu observa que um dos fatores que torna o cristianismo atraente para os chineses é o fato de estar associado a países tecnológica e economicamente desenvolvidos, como EUA e Alemanha. A afirmação ecoa o título do clássico do sociólogo alemão Max Weber (1864-1920), *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, que associava os princípios dessa vertente do cristianismo ao desenvolvimento da economia de mercado, abraçada pela China há 30 anos.

Ex-integrante do Partido Comunista, o economista Zhao Xiao escreveu em 2002 um artigo defendendo a adoção do cristianismo pela China para o bom desenvolvimento da economia de mercado. Segundo ele, a grande diferença entre EUA e China não é a distância tecnológica ou a disparidade de renda, mas a existência de igrejas no país americano e a inexistência delas em sua terra natal.

Zhao sustentava que o crescimento econômico precisava de um fundamento moral que estimulasse o respeito a regras comuns e coibisse o comportamento predatório na busca do lucro.

Fonte: Estadão